**O ENUNCIADO EM BAKHTIN: DIÁLOGO E CRONOPTOPO**

Dalva Teixeira da Silva Penha

Professora da UERN e estudante da Pós-graduação-PPGL-UERN

[dalvinhateixeira@yahoo.com.br](mailto:dalvinhateixeira@yahoo.com.br)

Maria do Socorro M. F. Barbosa

Professora da UERN -PPGL-UERN- Orientadora

[socorromvitoria@gmail.com](mailto:socorromvitoria@gmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo ressaltar a relevância das reflexões do Círculo de Bakhtin sobre enunciado. Trataremos aqui do enunciado como unidade relevante para comunicação. O ato de comunicação está ligado diretamente às ações de vida dos sujeitos e os enunciados são usados para realizar a comunicação entre os sujeitos e são carregado de valores e de valoração, isso implica numa ação do sujeito que traz sua ideologia e é capaz de impulsionar adesão aos seus posicionamentos. A língua é interativa e discursiva e a linguagem é viva e está presente nas nossas atividades sócio-discursivas, contribuindo assim para que nos tornemos sujeitos dos nossos dizeres. Discutimos oração como elemento linguístico dissociado da enunciação e diferente de enunciado. É nosso propósito refletir sobre posicionamento axiológico e ideologia. O nosso trabalho é embasado nos pressupostos da Analise Dialógica do Discurso (ADD), defendida por Bakhtin (1997; 2003; 2002). Com esse trabalho pretendemos contribuir de forma significativa com os professores de línguas, com estudiosos e pesquisadores da linguagem.

**Palavras-chaves:** Enunciado. Diálogo. Vozes

**Introdução**

A linguagem como constituinte do sujeito é considerada como ação responsiva ativa do processo discursivo, no qual construímos um mundo de relações dialógicas, e, nessa dialogicidade da linguagem, realizamos um projeto de dizer com interações e antecipações. Nas relações com a realidade, a linguagem é viva, responsiva, significativa e é a ponte entre o mundo da cultura e o mundo da vida.

A língua como interativa e discursiva considera o enunciado como unidade de comunicação, uma vez que trabalhamos com os gêneros discursivos e esses são enunciados produzidos por enunciadores que se comunicam dentro de um processo discursivo, no qual devem ser considerados o contexto sócio-histórico e os interlocutores.

Dessa forma, vê-se que a língua/ linguagem como prática social, em suas relações com a realidade e com a alteridade, não considera o sujeito como pronto, mas ele é visto como parte do processo interlocutivo, que se constrói nas práticas sociais discursivas.

Bakhtin (2003, p. 261) diz que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Os enunciados são determinados na comunicação, a qual se encarrega de elaborar seus tipos, denominados por Bakhtin (2003) de gêneros. Existe uma infinidade de gêneros discursivos, os quais circulam, desde a antiguidade, no nosso meio; são considerados heterogêneos e têm inesgotáveis possibilidades de formas.

Neste artigo, tratamos do enunciado concreto como fundamental na comunicação e do cronotopo; e da relação do enunciado com o contexto social; em seguida, apresentamos uma comparação entre enunciado e oração, mostrando diferenças e peculiaridades; tratamos do dizer dos sujeitos, considerando o posicionamento ideológico. Por fim, fazemos as considerações finais.

**O enunciado concreto e cronotopo**

De acordo com Bakhtin (2003), os enunciados sempre dão respostas e suscitam respostas, ocasionando, assim, a interdiscursividade. A partir da compreensão do enunciado, o ouvinte se torna falante, ou seja, no processo discursivo da linguagem os enunciados se entrecruzam ativamente respondendo aos comandos dessa compreensão, que pode ser de imediato ou de efeito retardatário ou silenciado.

De acordo com Bakhtin (2003) a compreensão é responsiva e sempre a voz do outro ganha espaço na enunciação, mesmo que essa resposta seja de concordância, discordância, objeção, execução.

Para Bakhtin (2003), o enunciado é amplo, é discursivo em sua totalidade, não se confunde com as unidades da língua, uma vez que ele é superior, por estabelecer relações dialógicas com outros enunciados no campo discursivo da comunicação. Quando nos reportamos ao enunciado concreto, estamos falando de linguagem como processo enuncioativo, que se constitui em um determinado lugar e em determinado tempo, o que Bakhtin chamou de cronotopo.

Todo enunciado aponta para outros enunciados, considerando os participantes da interação verbal. Assim, podemos dizer que o enunciado é dialógico, é concreto e ativo, pois aponta para uma reação responsiva; os enunciados são, pois, unidades de comunicação discursiva que estão vinculados uns aos outros pelas relações dialógicas, que constituem os sentidos.

Os enunciados constituem uma rede encadeada de significados nas práticas sociais discursivas; não são isolados, nem têm significados isolados, mas fazem parte de uma cadeia discursiva e estão ligados por razões significativas.

Parafraseando Bakhtin (2003), salientamos que outro elemento significativo, na organização do discurso, é a expressividade; esta se dá pela composição e estilo, ou seja, é a relação emotiva do falante com o conteúdo e com o sentido do discurso. Esse elemento expressivo representa a força do enunciado e a relação íntima do autor com o seu discurso, ou seja, a subjetividade. É essa característica do discurso que vai influenciar na escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado; constituindo, assim, o estilo individual, que, conforme esclarece Bakhtin (2003), é determinado, principalmente, pelo seu aspecto expressivo.

As palavras ganham vida e sentido dentro do enunciado que é constituído por um conjunto de palavras entrelaçadas que dão um sentido completo ao discurso. O significado isolado da palavra não expressa nenhuma emoção. Dessa forma, para constituir o sentido do enunciado, faz-se necessário que o significado isolado de uma palavra entre em contato com a realidade comunicativa em que se constitui o enunciado; é essa relação locutor-mundo que vai estabelecer o sentido no discurso.

Dessa forma, os enunciados são produzidos com base no cronotopo social, pois, por mais centrado que seja o discurso, há sempre uma relação externa, manifestada por meio do estilo, do conteúdo, da estrutura, da organização. Estes – o estilo, o conteúdo, a estrutura do enunciado - são escolhidos pelo falante, conforme as situações de uso. Os falantes são considerados sujeitos do discurso que atuam em situações concretas de comunicação; esses sujeitos atuam no discurso de forma alternada, realizando, assim, as relações dialógicas, as quais acontecem de maneira sutil, de modo que, para as percebermos, faz-se necessário que analisemos as situações de comunicação.

Vemos que essas relações são diferentes, mas sempre estão presentes e todas elas imprimem atitudes responsivas, isto é, os enunciados se dirigem aos outros e esses outros “não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p. 281).

Escolhemos as mais diversas formas de gênero do discurso para nos comunicar; isso expressa, claramente, que são as situações típicas da comunicação que determinam a escolha dos gêneros.

Os enunciados possuem peculiaridades estruturais comuns e limites, os quais são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, todo enunciado tem um princípio e um fim, ambos são interligados a outros enunciados.

**Enunciado e oração: peculiaridades e distinções**

Apresentaremos a seguir as várias características apontadas por Bakhtin (2003), as quais contribuem para o enunciado ganhar destaque na comunicação discursiva.

A alternância dos sujeitos é uma das características que diferenciam o enunciado, unidade de comunicação discursiva, da oração, unidade da língua. Essa característica não se presta à gramaticalidade, ou seja, essa característica diz respeito à troca de papeis dos enunciadores; no processo de discursividade, os interlocutores mudam de função.

É a alternância dos sujeitos que delimita a sua participação na comunicação discursiva, nos mais diversos campos da vida. O falante termina o seu enunciado e o ouvinte, que também se torna falante, inicia o dele. Nesse processo discursivo, ganha respaldo o diálogo. Há assim um processo de interação em que os sujeitos nessa relação dialógica entram no embate discursivo.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 280) a conclusibilidade“é uma espécie de aspecto interno de alternância dos sujeitos do discurso.”  O enunciado atende, precisamente, a esta característica, pois ele sempre assume a ação responsiva, ou seja, sempre exige que o interlocutor atue no ato discursivo. Na comunicação discursiva, cada falante/ouvinte sabe o momento de iniciar sua participação discursiva, pois percebe o acabamento, a conclusibilidade do seu parceiro, no processo discursivo da comunicação.

A exauribilidade do enunciado é um outro aspecto particular que se refere ao sentido do seu tema. Essa característica determina a escolha do gênero do discurso pelo falante, considerando, assim, as suas situações enunciativas, bem como suas relações com os seus interlocutores.

A oração não é uma unidade discursiva, não constitui sentido no processo discursivo, não suscita resposta; quando a pronunciamos de forma isolada, desprovida de contexto e de significado, não expande a comunicação. Já que o enunciado funciona como um elo da comunicação discursiva, é também uma unidade dessa comunicação. E para ser essa unidade de comunicação discursiva atende com precisão às situações comunicativas, e, para isso, suas peculiaridades e características estilístico-composicionais são elementos que atendem às normas e padrões referentes a cada situação discursiva.

Bakhtin (2003, p. 277) nos diz que:

A oração é um pensamento relativamente acabado, imediatamente correlacionado com outros pensamentos do mesmo falante no conjunto do seu enunciado; ao término da oração, o falante faz uma pausa para passar em seguida ao seu pensamento subsequente, que dá continuidade, completa e fundamenta oprimeiro. O contexto da oração é o contexto da fala do mesmo sujeito do discurso (falante); a oração não se correlaciona de imediato nem pessoalmente com o contexto extra verbal da realidade (a situação, o ambiente, a pré-história) nem com as enunciações de outros falantes, mas tão somente através de todo o contexto  que a rodeia, isto é, através do enunciado em seu conjunto.

A oração não pressupõe o enunciado, nem a relação discursiva, mas constitui-se por elementos linguísticos, como entonação, pausas e paradas, que se realizam através do uso de sinais gramaticais, como os sinais de pontuação.

O enunciado constitui-se em meio a uma diversidade de vozes advindas dos vários outros enunciados já proferidos, daí cada um deles apresentar singularidade e particularidade que os caracterizam; a esses elementos podemos chamar de estilo.

**O dizer dos sujeitos: posicionamento ideológico**

A natureza dialógica da vida humana é incontestável. A vida é um dialogo inconcluso, em que os sujeitos participam integramente com todos os atos, expressões, sensibilidade, emoções, sentimentos. (BAKHTIN, 2003)

Bakhtin nos apresenta o termo refração, caracterizando-o como uma multiplicidade discursiva, podendo ser chamada de definições e julgamento de valor; é constituída pelas inúmeras vozes sociais, as quais se formam, considerando a consciência socioideológica. Dessa forma, as vozes se processam dentro de um contexto social e atendem a valores ideológicos instituídos pelas condições de produção e pelos interlocutores.

O nosso contexto social é semiotizado e ideológico; aquele se refere à representação do meio pelos sinais; este está relacionado ao valor ideológico que os enunciados trazem. Para Bakhtin (1997), ideológico e axiológico apresentam uma estreita relação, uma vez que esses pensadores vão nos dizer que não existe enunciado não ideológico, neutro, haja vista que expressa sempre uma posição avaliativa; assim, exerce uma posição axiológica.

Há uma relação de reciprocidade entre esses termos, pois é também Bakhtin/Volochinov (1997) que afirma que “ideológico é, portanto, um signo”; ainda diz que “sem signos não existe ideologia”. Assim, fica claro que signo e ideologia se complementam, um não existe sem o outro.

Embasados nos pressupostos do Circulo, podemos dizer que os signos refletem e refratam o mundo, isto é, eles apontam para uma realidade que é exterior; e através deles não só descrevemos o mundo, mas também o construímos, considerando a dinâmica histórica e heterogênea das experiências humanas.

As vozes sociais constituem o heterodiscurso, que são as vozes circundantes, as quais interagem, ou apenas se chocam e são retardadas por algum motivo. Podemos chamar também essa multiplicidade de vozes de plurilinguismo. Esse plurilinguismo dialogizado remete à responsividade dos enunciados. Como bem disse Faraco (2009 p. 58-59)

[...] a dinamicidade do universo da cultura (para fundar uma filosofia da cultura), consideramos que o Circulo vê as vozes sociais como estando numa intricada cadeia de responsividade: os enunciados, ao mesmo tempo em que respondem ao já dito (“não há uma palavra que seja a primeira ou a última”), provocam continuamente as mais diversas respostas (adesões, recusas, aplausos incondicionais, criticas ironias, concordâncias, discordâncias, revalorizações, etc. - não há limites o contexto dialógico). O universo da cultura é intrinsecamente responsivo, ele se move **como se** fosse um grande dialogo.

Assim, todo dizer responde a um já dito e pressupõe outros dizeres. Entretanto, nessa dialogicidade da linguagem, todo enunciado é uma réplica, isto é, surgiu respondendo a outro já proferido. Tornando-se, assim, responsivo.

Para Bakhtin (2003), as vozes estão constituídas na relação dialógica entre os interlocutores, por isso são vozes carregadas de valores sociais, éticos e culturais, transportados pelas consciências dos sujeitos. Nessa multiplicidade de vozes valoradas está o axiológico. Nas relações sociais e heterogêneas, o sujeito assume uma posição, e, “É esse posicionamento valorativo que dá ao autor criador a força de constituir o todo: é a partir dela que se criará o herói e o seu mundo e se lhes dará o acabamento estético.” (FARACO, 2009, p. 89) Nesse sentido, o autor, através dos valores acrescentados por ele a sua obra, cria o seu herói, que seria a sua produção artística, e representa o mundo.

Em relação à posição axiológica do sujeito-autor, Bakhtin (1990) apresenta a distinção entre o autor-pessoa e o autor-criador, dos quais trataremos mais tarde, no capítulo referente à autoria.

Diante do exposto, evidenciamos que posição axiológica é ação valorada do sujeito; é unir o axiológico e a ideologia para construir, nas relações dialógicas e sociais, a obra, e dar-lhe acabamento, a partir das ações que se realizam dentro de padrões éticos, estéticos e culturais.

Assim, evidenciamos que é esse emaranhado de vozes, tecidas nos fios dialógicos da linguagem, que nos encaminha para a nossa produção do discurso, constituído, também, para o social. Como seres sociais, interagimos e nos posicionamos frente aos acontecimentos; criticamos, discutimos, analisamos, ou somente nos omitimos diante dos fatos; isso é axiológico, pois estamos atribuindo valores positivos ou negativos.

Nesse sentido, nos reportamos a Bakhtin (2003), que nos diz que a palavra é valorada, ou seja, carrega consigo um valor ideológico.

Em consonância com esse pensamento, Volochinov (1997, p. 95) afirma que:

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Dessa forma, evidenciamos que é a ideologia ou o valor ideológico das palavras do outro que nos impulsiona a manifestar o nosso ponto de vista, e, para isso, é preciso que o discurso do outro tenha em sua essência relação ideológica com o nosso cotidiano, com a nossa vida, para que haja interação entre os interlocutores.

**Considerações finais**

A partir deste estudo, vimos que o enunciado faz parte da dialogicidade, ou seja, constitui-se conforme a interação dos sujeitos, considerando o tempo e o espaço em que acontece a interação. Vale ressaltar que o dialogo que travamos no dia a dia, as mais diversas atividades discursivas realizadas por nós, são elementos constitutivos dos enunciados. E os enunciados são valorados por que os discursos carregam valores ideológicos.

Bakhtin (2003) nos diz que o enunciado está voltado para o outro, e se constitui com base em outros enunciados já proferidos. Dessa forma, consideramos o enunciado como produto das múltiplas vozes sociais.

A nossa discussão pretende mostrar o enunciado como unidade relevante da comunicação. Pois será sempre no ato comunicativo que os sujeitos se posicionam e constituem em seus discursos ações valoradas. Esperamos que essa discussão sobre enunciado sirva de base para muitos outros trabalhos que tenham como propósito a linguagem como dialógica e os interlocutores como sujeitos responsivos ativos no processo sócio-discursivo.

**REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRAIT*,* B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São. Paulo: contexto, 2006.

\_\_\_\_\_\_. **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin.

Curitiba: Parábola, 2009.

FARACO, C. A. Autor e autoria*.* In: BRAIT, B. (Org.). **Bahktin***:* conceitos-chave*.* São Paulo: Contexto, 2008, pp. 37-60.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia.**  8. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática,2006.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin:** outros conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 115 - 131.

PONSIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: 2008.

VOLOCHINOV/BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoievski**. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.